



Boletim Informativo da Casa do Artista

Editorial

Volume XX, Edição II

Outubro de 2017

“Tudo vale a pena quando a alma não é pequena”



Visita guiada ao Mosteiro dos Jerónimos



Nesta edição:

O vento sopra com força	2
O meu terço	3
Aquarela	3
Ditados Populares	4
Tributo a Mariema	7
Os Pontos do Teatro Nacional D. Maria II	9
Meditações	10
Como eu descobri que gostava de um dia ser artista	11
Circo e Variedades	12

Mar Português

Ó Mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Fernando Pessoa, in *Mensagem*

O vento sopra com força

O vento sopra com força
Quase parece um gemido
de vozes de muito longe
de alguém que sonha comigo

Fico noites acordada
Voa longe o meu sentido
Escrevo o teu nome no vento
que te leva um beijo amigo

Queria poder ajudar-te
Em horas de solidão
não posso e para me acalmar
rezo a Deus uma oração

Espero não tenhas esquecido
que ele é tua proteção
se o chamares estará contigo
sempre em horas de aflição

Autora: Amorinda Matos



Para recordar...

**Como era antiga-
mente!**

O meu terço

Tenho um rosário de pérolas
Feito somente para mim
E nele rezo baixinho
Minhas alegrias sem fim

Em cada pérola eu vejo
A luz do céu a brilhar
Vejo as asas dum anjo
Que me vem abençoar

As pérolas vão rodando
Nos meus dedos com alegria
E eu vou sempre pedindo
Por todos à Virgem Maria

E as pérolas vão rodando
Até chegar ao Pai-Nosso
Peço o pão de cada dia
Vou rezando enquanto posso

Chegando à Salvé-Rainha
Agradeço mais um dia
Fico calma fico alegre
Aos pés da Virgem-Maria

Autora: Fernanda Casimiro

AGUARELA

O dia está cinzento
Está frio e tristonho
Estou escrevendo estas linhas
Neste dia tão bisonho.

Quero alegrar o tempo
Dar-lhe um pouco de calor
Vou pintar uma tela
Dar-lhe um pouco de calor.

Faço traço harmonioso
Com cores lindas e quentes
Ficou uma tela fagueira
E o dia mais formoso

As horas estão passando
Vou ficando mais alegre
A noite já vem chegando
A tela tem muita cor
A noite é noite de amor.

Autora: Lila

Ditados Populares

- 1- Inverno chuvoso, _____.
- 2- _____ em Terra é sinal de tempestade.
- 3- Candeia que vai à frente, _____.
- 4- _____ se vai ao longe.
- 5- Em boca fechada _____.
- 6- _____ e _____ cada um toma a que quer.
- 7- Galinha que _____ acha sempre que _____.

(Soluções no final da página 13)

**“Mais vale vergonha na cara, que
mancha no coração”**

Miguel Cervantes

Colabore com a nova edição do “Boletim Informativo da Casa do Artista”, através das suas histórias, do seu talento, da sua arte.

Contamos consigo!

Vou falar do José Carlos Ary dos Santos

Era eu muito jovem quando conheci num dos primeiros bares gay “O Gato Verde”, perto do Príncipe Real. O irmão mais novo do Ary, era o Diogo; viviam na antiga casa dos pais na Rua do Alecrim.

Com um desgosto de amor, um dia o Diogo atirou-se do 4º andar pelas traseiras e o irmão mudou de casa para a Rua da Saudade. Era um 2º e último andar; no 1º, vivia com os pais o Fernando Tordo, com 16 anos. Ele gostava de cantar e fez logo uma amizade com o novo vizinho autor. Um dia foi viver com os pais para o moderno bairro de Alvalade, onde ainda hoje mora com a família. O Ary vivia no último andar e tinha um patamar muito grande; tinha aí uma grande mesa de jantar e oito cadeiras. Quando dava grandes jantares com muita gente, os mais íntimos ficavam na casa de jantar lá dentro e os outros eram servidos no patamar da escada. Ele tinha duas empregadas: a Conceição e a Aurora; uma delas tinha um filho adolescente.

Eram visitas lá de casa, além de muita gente da classe, o Carlos do Carmo e Judite, a Simone e o Varela, o Tordo, a Tonicha e o João, etc. Quando as visitas iam embora já tarde, ele que não tinha carro, apanhava um táxi e ia acabar o serão em casa da Amália, em S. Bento. Um dia chegou lá, estava a janela um pouco aberta para sair os fumos dos cigarros e por baixo da varanda estava um jipe alto. Ele, que também era alto, subiu para o jipe, saltou para a varanda e entrou pela janela. A nossa querida Amália ia morrendo de susto; pensava que era um assaltante. Foi nessa varanda que já “quentinho” disse, às quatro da manhã, pela primeira vez, o lindo poema “Amêndoa Amarga”, que a grande Amália cantou e gravou. Quando eu estava no Siarte costumava ir em serviço ao Sítese (Sindicato dos Empregados de Escritório) presidido pelo António Janeiro, que era na Rua Braamcamp. Hoje é perto da Igreja de Fátima e o gabinete do escritório de publicidade do Ary era nesse prédio e eu ia para lá conversar e rir com ele. Era um homem muito divertido, e foi um grande amigo meu. Um dia fiquei triste com o Zé Carlos. No 25 de Abril deixou de ir aos serões em casa da Amália, mas ela nunca deixou de o cantar. O que seria dos autores se não fossem os cantores. Estive com Amália no funeral no Alto de São João; ela estava toda de negro e muito triste.

Autor: Júlio Coutinho

Eu, vagabundo de peito aberto
Por estradas do meu país
Amei o inteligente, não o esperto,
Dividi por dois tudo o que ouvi...

Ao esperto contei anedotas
Apertei a mão por circunstância
Porque sentia nas minhas costas
- Hipocrisia, vaidade, ignorância

Outro sim, comi e bebi esmo
Por muitos tascos do meu país
Com os amigos de melhor mente

Porque sentia dentro de mim mesmo
Que tínhamos a mesma raiz
Já florida antes de ser gente

Autor: Joaquim Samora

O espelho só é cruel
Quando mostra a fealdade,
Mas é um amigo fiel,
A dizer sempre a verdade



Tributo a Mariema



Mariema é alfacinha de gema. Nasceu no bonito bairro de Campo de Ourique. Os pais tinham o restaurante “A Cabana do Viriato”. O pai tinha o nome de Júlio e ela tem dois irmãos, um José Júlio como eu e o outro Júlio Vasco, como o meu falecido pai que não conheci.

Estudou, andou no liceu, é culta, tem estudos, sabe espanhol, francês e inglês. Casou em Belém, nos Jerónimos. Eu fui ver o casamen-

to. Ia linda, toda de branco e flor de laranjeira, com véu e tudo. Alta, magra, muito elegante e loura espiga natural. Foi fadista e atriz. Uma cómica nata. Fez a sua estreia na empresa Zé Miguel no Parque Mayer, no Teatro ABC. Mas como era no Verão foi cá fora ao ar livre no Pavilhão Português, antigo Páteo Sevilhano, com a cascata do escritório da empresa e com o Bar do Ti Chico, irmão de Zé Miguel. Foi na revista “Roupa na Corda” e cantou “É regar e pôr ao luar”.

Foi um êxito a estreia da nossa Mariema; agradou imenso. Até hoje graças a Deus. Tem uma graça natural, brejeira, bonito sorriso e com uma gargalhada característica, fácil de identificar. Na segunda revista já como atriz e lá dentro do ABC, “Ai Venham Vê-las” também cantava um fado “O Marujinho” em travesti, toda de branco de alcache e panamá. Ficava muito bem. Vinha linda. Gravou discos, cantou em Boites de luxo e Casinos. Andou a cantar lá por fora, Áfricas, Madeira, Brasil, América e Canadá, etc. Fez televisão, participando na “Grande Noite”, “Cabaret” e “Conta-me como Foi”. Fez no musical “Amália”, do Lá Féria a mãe de Amália. Com a Graça Lobo fez teatro “sério” no Nacional. Por motivos de saúde vive na Casa do Artista.

No teatro Maria Vitória numa revista com Óscar Acúrcio e Suzana Prado, entre muitos outros artistas, cantou o célebre “O fado mora em Lisboa”, que ainda hoje se ouve na rádio. Mariema fez muitas revistas no Parque Mayer e trabalhou com os melhores e maiores colegas de então: Hermínia e Ivone, Zé Viana, Dora Leal, Manuela Maria, Lígia Teles, Salvador, Carlos Coelho, Camilo, etc. etc.

Autor: Júlio Coutinho

Vou falar do Homem da Massa

O escritório da nossa Casa é no primeiro andar. É lá que fica a Secretaria da Casa do Artista, frente à porta da entrada e a Secção de Tesouraria. É aí que está o nosso “homem da massa”, que é o nosso amigo e colaborador Tiago Santos, ladeado de cofres, papéis, dinheiro e sempre a trabalhar no computador.

Na secretaria está também o improvisado gabinete da Dr.^a Conceição, a secretária do Animador Ricardo e a Márcia Ruas, mais a Leninha.

Mas falando do Tiago que já cá está vai para 9 anos mais ou menos, já cá foi pai de uma menina de nome Leonor que se não me engano já deve estar com 6 anos.

Quando ele veio para cá costumava almoçar na rua, ia ao restaurante. Agora há coisa de uns 4 anos já come connosco no refeitório. É um rapaz muito educado, de poucas falas, simpático e sorridente. Um pouco tímido mas amável para toda a gente. Gostamos todos muito dele. Tem paciência para nos atender e resolver qualquer problema. Somos muitos, damos muito trabalho, muitas contas, muitos números. Obrigado Tiago pela sua disponibilidade.

Vem sempre cedo de manhã para o trabalho, magro, sexy, elegante e bonitão, lá vêm de pasta na mão, põe o carro na garagem e vem à recepção beber o café da máquina e picar o ponto, depois lá vai fumar o seu cigarro.

Todos nós lhe desejamos saúde e felicidades e obrigado por todo o trabalho que tem connosco. Bem-Haja Tiago.

Autor: Júlio Coutinho

Beijos e beijinhos

Segundo instruções de órgãos nacionais e internacionais de saúde, avisa-se a população para a necessidade de se evitar contágios com as doenças próprias da estação.

Lançamento de Livro - Os pontos no Teatro Nacional D. Maria

No passado dia 2 de Novembro 2017 realizou-se a apresentação do livro *Os Pontos no Teatro Nacional D. Maria II*, no Teatro Nacional D. Maria II. Este trabalho é da autoria de Alexandre Pieroni Calado e Eugénia Vasques e contou com a colaboração de vários testemunhos de Pontos de Teatro, Actores e Encenadores.

O livro *Os Pontos no Teatro Nacional D. Maria II* constata o desaparecimento de um fazedor de teatro que pelo menos desde a Idade Média tem acompanhado a história desta arte. Tomando como terreno de partida o D. Maria II, os materiais aqui reunidos são contributos para a reparação da negligência a que os pontos têm sido votados, fora e dentro do mundo do Teatro. Neles se escutam as palavras de múltiplas vozes, que relatam, evocam, imaginam e estudam saberes, vozes que revelam atitudes diversas perante um processo de silenciamento em curso.

Neste trabalho, contou-se com o testemunho de alguns Sócios e Residentes da Casa do Artista como Cristina Vidal, João Coelho, Joaquim Samora, Helena Diogo e Leonor de Oliveira, que dedicaram a sua vida a “soprar” o texto aos actores e que ao longo da sua carreira artística passaram pelo Teatro Nacional D. Maria II.

O “Boletim Informativo da Casa do Artista” congratula este projeto e todos os seus colaboradores.

Meditações

Ainda não há muito tempo, que no nosso “Boletim Informativo” se fazia referência e se transcrevia alguns pensamentos extraídos de diversos livros e escritos por nomes célebres do mundo cultural.

Voltamos hoje ao tema, para demonstrar, mais uma vez, a profundidade dos textos, a sua ironia e a filosofia que transmitem.

É um prazer lê-los e meditar na sua sensibilidade. A magia do jogo de palavras desperta a nossa sensibilidade e análise.

Eis alguns exemplos:

- “Alegria é a coisa mais séria da vida” (Almada Negreiros);
- “Difícil não é viver com as pessoas, difícil é compreendê-las” (José Saramago);
- “Para ser grande, sê inteiro” (Fernando Pessoa);
- “Que seria de nós, se não sonhássemos” (José Saramago);
- “Quando alguém evolui, evolui tudo que está à volta” (Paulo Coelho);
- “Não tenhamos pressa, mas não percamos tempo” (José Saramago);
- “Não há caminhos fáceis, para quem é responsável” (Eugénio de Andrade);
- “Se me julgas, te julgo por julgares” (Agostinho da Silva);
- “Sentir é muito, compreender é melhor” (Florbela Espanca);
- “A vida é uma vertigem” (Júlio Dantas);
- “A felicidade está em nós, não se reflete dos juízos estranhos” (Camilo Castelo-Branco);
- “Para ensinar há uma formalidade a cumprir – saber” (Eça de Queirós);
- “Muitos cuidam da reputação, mas não cuidam da consciência” (Padre António Vieira);

E, por hoje ficamos por aqui. Já agora recordamos que nesse mesmo “Boletim Informativo” se falava numa “mosca”. Uma “mosca” irónica, gentil e ladina, que animava as manhãs da nossa TV.

Será que já apanharam a “mosca”? Apreciem o seu zumbido maroto. Olhem que vale a pena!

Estejam com a mosca! ...

JF

Como eu descobri que gostava de um dia ser artista

Era muito pequena e já tinha uma atração pela dança, gostava imenso de ser bailarina, era um sonho que me perseguia. Tinha pretensões a mais!

Não tendo talento nenhum, com muita tristeza minha desisti. Pouco depois comecei a cantarolar menos mal e lá ia cantando para os meus amiguinhos e para o Padre Correia, que gostava muito de me ouvir cantar. Um dia o Sr. Padre pediu-me para ir a sua casa cantar. Foi então que cantei um fado de Hermínia Silva e terminei dizendo Salazar Salazar. Eles riram-se e disseram-me que era falar falar. Um momento com alguma graça!

Certo dia o Meca Rafael (fadista e humorista) convidou-me para cantar nos espetáculos dele, com autorização dos meus pais, fazendo letras próprias para a minha idade.

Com 12 anos de idade, cantei em todas as estações de Rádio do Porto. Domingos Parker também me deu uma ajuda, participando em vários espetáculos como a “Hora do Garnizé”, também entrei num concurso realizado no Coliseu dos Recreios do Porto, onde ganhei um prémio relativo à minha pouca idade. O prémio que ganhei foi o Parker levar-me a Lisboa com o meu pai e a fadista Maria Rosa Rodrigues, que ganhou o primeiro prémio, para nos mostrar casas de fado.

Cheguei a cantar nessa noite em todas as casas de fado que visitámos e numa delas o miúdo da Bica, Fernando Farinha fez-me uns versos bonitos, que me deixou muito vaidosa! Visitando tantas casas de fado, em todas elas bebia umas laranjadas até dizer chega! Quando viemos para a rua a minha cabeça começou a andar à roda, não conseguindo andar direita “i esta hein”.

Fiquei fascinada quando o Parker me disse que a Amália Rodrigues vinha ao Palácio de Cristal, e que eu também ia cantar. Nem queria acreditar quando estive frente a frente com ela, dizendo-me com carinho bonitas palavras. Nunca esquecerei esse momento!

Lá fui crescendo e cantando, e quando já tinha 15 anos participei na revista “Marcha da Alegria” de Avelino Carneiro, no Sá da Bandeira e foi quando conheci a Linita Marques.

Entretanto tive o privilégio de conhecer a grande Hermínia Silva e a talentosa Laura Alves, que me deram alguns conselhos úteis.

Também fiz teatro amador, como eu gostava do palco. Fizemos uma peça que entrou a concurso. Alves da Cunha e Maria Lalande faziam parte do júri. Conseguimos ficar em segundo lugar! Foi muito bom, fiquei sem fala!

Um dia fui ao teatro ver uma revista vinda de Lisboa com Maria Adelina como vedeta da companhia. Fiquei de tal forma encantada com a sua interpretação e graça em cena. Foi então que prometi a mim própria que um dia realizaria o meu sonho de trabalhar em Lisboa.

Autora: Maria Candal

Circo e Variedades



O “Boletim Informativo da Casa do Artista” conversou com a artista de circo Cláudia Alves.

A vida de circo é dura, embora tenha as suas compensações. Muitos artistas fazem parte de uma família, com certas habilidades, que vão passando de geração em geração.

Entrou para a Casa do Artista, no dia 1 de Dezembro 2001, onde reside há 16 anos.

Recorda os seus tempos e memórias de infância. Relembra os vários acontecimentos que se sucediam no circo, com bons e maus momentos. Fez parte do circo “Equestre” do seu avô materno José Silvano. Mais tarde pas-

sou a chamar-se “Circo Americano”. Toda a sua família se dedicava ao circo.

Com 14 anos empenhou-se no número das bolas com as primas, como se pode ver na fotografia, para ser apresentado num espetáculo que andou em digressão por Espanha, Tunísia, África do Sul, Gibraltar, Ceuta, Canárias e que passou também pelos arquipélagos dos Açores e Madeira.

Durante a conversa, relatou um episódio que ocorreu quando estavam na Tunísia. O circo tinha dois sócios: um espanhol e outro francês. Os espetáculos tinham sempre muito êxito e com casas cheias e muito trabalho. A certa altura, os dois empresários decidem abandonar o circo, deixando os artistas à deriva e desamparados, sem dinheiro para poderem regressar ao seu país. Viveram tempos difíceis e aflitivos, nunca podendo dizer a sua nacionalidade, referindo que eram espanhóis ou italianos. Houve um representante dos circos que os salvou, conversando com os Cônsules Portugueses e angariando fundos para custear a sua viagem de regresso a Portugal.

Foi uma conversa entusiástica sobre o circo, os diferentes números e diferentes situações que foram ocorrendo na sua vida cheia de histórias.

Diz ter muitas saudades da vida do circo. Quando chegava a um país ia logo passear, para conhecer os locais e ver as montras, afirma com um sorriso no rosto.

A D. Cláudia Alves envia um beijinho para todos.



SOPA DE LETRAS

PROCURA AS **15** PALAVRAS RELACIONADAS COM ALIMENTOS SAUDÁVEIS (NÃO HÁ PALAVRAS NA DIAGONAL).

R	I	S	E	A	A	J	N	A	R	A	L	R	Ç	O
X	A	Z	Ã	Q	A	U	I	Q	L	E	I	O	R	Ã
C	E	N	O	U	R	A	R	E	H	G	J	R	T	O
O	X	S	G	H	E	A	Ç	S	E	O	A	P	S	S
U	B	E	N	E	R	G	H	A	E	U	I	O	Z	A
V	E	L	A	R	I	O	Z	J	V	E	I	B	E	I
E	R	T	R	Z	A	A	L	E	G	N	I	R	E	B
Z	S	Ã	O	E	L	A	E	R	X	D	J	O	A	S
E	T	A	M	O	T	G	M	E	L	A	N	C	I	A
M	Ç	R	X	A	Ç	E	E	C	V	B	H	O	R	Ç
D	I	O	L	E	M	Z	A	E	Q	A	I	L	E	H
C	E	B	O	L	A	E	F	E	I	J	Ã	O	E	O
X	S	O	Z	S	Ç	E	E	A	I	Z	A	S	E	H
J	E	B	E	O	Ã	E	I	O	A	S	Q	A	I	L
T	J	A	T	H	S	X	A	I	A	X	I	E	M	A

- | | | |
|------------------------------------|----------------------------------|-----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Abóbora | <input type="checkbox"/> Cebola | <input type="checkbox"/> Laranja |
| <input type="checkbox"/> Alho | <input type="checkbox"/> Cenoura | <input type="checkbox"/> Maçãs |
| <input type="checkbox"/> Ameixa | <input type="checkbox"/> Cerejas | <input type="checkbox"/> Melancia |
| <input type="checkbox"/> Beringela | <input type="checkbox"/> Couve | <input type="checkbox"/> Morango |
| <input type="checkbox"/> Brócolos | <input type="checkbox"/> Feijão | <input type="checkbox"/> Tomate |

1- ano rendoso;
 2- Gaiotas;
 3- aluvia duas vezes;
 4- Devagar;

5- não entra mosca;
 6- Presunção ... água benta;
 7- esgravata ... comer;

**PROPRIEDADE:
APOIARTE —
CASA DO
ARTISTA**

Estrada da Pontinha, 7
1600-582 Lisboa

Tel: 217110890
Fax: 217110898
Correio eletrónico:
geral@casadoartista.net

www.casadoartista.net

Ficha Técnica

Edição e Coordenação:
Ricardo Madeira
(Animador Sociocultural)

Responsável pela Edição:
Conceição Carvalho

Revisão:
Fernando Tavares Marques

A APOIARTE/CASA DO ARTISTA—Associação de Apoio aos Artistas é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), destinada a apoiar e dignificar aqueles que exerçam ou tenham exercido funções relacionadas com a atividade do espetáculo nas áreas das artes cénicas, da televisão, do cinema e da rádio.

A Residência, o Teatro Armando Cortez, a Galeria Raul Solnado e o Centro de Formação constituem as várias valências de apoio e desenvolvimento dos objetivos definidos na sua génese. Abrangida pela Lei do Mecenato Cultural, tem contado com vários apoios que, de algum modo, nos têm ajudado a contribuir para a melhoria da qualidade de vida de todos os residentes nesta Casa do Artista.



Agenda Cultural

Na sala Beatriz Costa:

- Apresentação do “Boletim Informativo da Casa do Artista”, no dia 16 de Novembro 2017 (quinta-feira), às 15 horas;
- Atuação do grupo “I Cantori”, no dia 17 de Novembro 2017 (sexta-feira), às 15 horas;
- Realização do Rastreio de Saúde Oral, no dia 23 de Novembro 2017 (quinta-feira), a partir das 14:30 horas;
- Atuação do “Grupo de Fados de Alcântara”, no dia 29 de Novembro 2017 (quarta-feira);
- Às quartas-feiras decorre os ensaios do “Trio da Casa do Artistas”, pelas 15 horas;
- Melodias de Sempre com o músico José Manuel Morais, regularmente na Casa do Artista.

No Teatro Armando Cortez:

- A Yellow Star Company apresenta o espetáculo “Na Bagunça do teu coração”, com encenação de Paulo Sousa Costa, até ao dia 29 de Novembro 2017;
- O Teatro Infantil de Lisboa apresenta o espetáculo “O Soldadinho de Chumbo”, com encenação de Fernando Gomes.